

CONJUNTURA

Gasolina: nova alta nos postos

Consumidores reclamam de reajustes. Sindicato dos revendedores diz que está havendo recomposição de margens de lucro

» FERNANDA STRICKLAND

Consumidores do Distrito Federal (DF) têm observado que os postos de gasolina voltaram a aumentar o preço do combustível, sem motivo aparente. Segundo relatos de motoristas, depois de um período de queda, os valores cobrados na bomba começaram a subir novamente, no início desta semana.

A aposentada Maria de Fátima, 57 anos, afirmou que, na segunda-feira, encontrou postos que vendiam o litro da gasolina entre R\$ 4,60 e R\$ 4,79. “Mas, do nada, o preço subiu para R\$ 5,15 e R\$ 5,20. Isso é um absurdo”, reclamou. Ela diz que costuma conferir os preços frequentemente, pois há um posto de revenda em frente à sua casa e outro perto da escola onde a neta estuda.

Segundo o presidente do Sindicato do Comércio Varejista de Combustíveis e Lubrificantes do Distrito Federal (Sindicombustíveis-DF), Paulo Tavares, boa parte dos estabelecimentos estava vendendo gasolina a preço de custo, na tentativa de manter as vendas ou ganhar mercado. No entanto, os revendedores que tinham baixado os preços não estão mais conseguindo sustentar os valores. “Os preços estão aumentando devido à recomposição de margens. Vários revendedores que vinham mantendo os preços perto do custo não estão conseguindo ficar muito tempo nessa condição”, afirmou.

Má-fé

Antônio Pereira, 42, motorista de aplicativo, disse que também notou uma alta no valor cobrado nas bombas nos últimos dias. Na opinião dele, os donos dos postos de revenda estão agindo de má-fé com os consumidores. “Quando há uma redução no combustível,

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Litro do combustível, que era vendido até a R\$ 4,60 no início da semana, subiu para mais de R\$ 5 em vários estabelecimentos



“Os preços estão aumentando devido à recomposição de margem. Vários revendedores que vinham mantendo os preços perto do custo não estão conseguindo ficar muito tempo nessa condição”

Paulo Tavares, presidente do Sindicombustíveis-DF

eles aumentam os preços, mas, dois a três dias depois, diminuem para o valor que era praticado anteriormente. Assim, dão a

impressão de que eles estão ficando mais baratos”, afirmou.

O preço dos combustíveis vinha recuando após a redução dos

impostos cobrados sobre a gasolina e o diesel, por conta de projetos de lei aprovados pelo Congresso. Além disso, o enfraquecimento das cotações do petróleo no mercado mundial permitiu que a Petrobras diminuísse os valores no mercado interno. A estatal segue as cotações internacionais do petróleo, em dólares, para calcular os preços que cobra das distribuidoras, no mercado interno.

Cenário

No início deste mês, a empresa informou que estava trabalhando com um cenário no qual

havia espaço para novas reduções no preço da gasolina a curto prazo. No caso do diesel, porém, as quedas são menos prováveis, dizem fontes com conhecimento do assunto.

Desde meados de julho, a estatal já promoveu quatro reduções no preço de venda da gasolina nas refinarias. Nesse período, o combustível recuou 19,2%. A avaliação da Petrobras é de que a gasolina tem estoques em reconstrução ao redor do mundo e cotações mais resilientes, mesmo quando pressionadas, enquanto o diesel, cuja capacidade global de refino é menor, segue sob forte volatilidade.

Juro pesa e varejo cai 0,8% em julho

No terceiro mês consecutivo de taxa negativa, o volume de vendas do comércio varejista no país recuou 0,8% em julho, na comparação com junho. No acumulado de 2022, o varejo registra variação de 0,4%. Já nos últimos 12 meses, o setor apresenta queda de 1,8%. Os dados são da Pesquisa Mensal de Comércio (PMC), divulgada ontem pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

A pesquisa mostra que, no comércio varejista ampliado, que inclui veículos, motos, partes e peças e materiais de construção, o volume de vendas caiu 0,7% frente a junho e 6,8% contra julho de 2021. De acordo com o gerente da pesquisa, Cristiano Santos, a terceira queda seguida, após meses de alta, demonstra a retomada, pelo varejo, da trajetória irregular detectada desde o período mais grave da pandemia. “O setor repete a trajetória que vem seguindo desde março de 2020, com alta volatilidade”, explicou.

Segundo Rafael Margato, economista da XP, a alta das taxas de juros e o elevado grau de endividamento das famílias vêm pesando sobre as vendas no varejo. “A demanda pelos bens mais sensíveis ao crédito deve permanecer em tendência de queda”, afirmou.

Abril foi o último mês com crescimento das vendas. Desde então, maio, junho e julho acumulam recuo de 2,7%. Por conta desses resultados, o setor se encontra praticamente do mesmo nível do período pré-pandemia — fevereiro de 2020 —, com variação positiva de apenas 0,5%. “Esse patamar já esteve muito mais alto. Em julho de

2021, estava 5,3% acima de fevereiro de 2020”, lembra Cristiano Santos.

Na comparação com o nível pré-pandemia, o varejo mostra desigualdades em termos setoriais. Há atividades muito acima da média, caso de artigos farmacêuticos, médicos, ortopédicos e de perfumaria (20,7%); combustíveis e lubrificantes (11,3%); materiais de construção (2,3%); e hiper e supermercados, produtos alimentícios, bebidas e fumo (2,2%).

Outras atividades estão em patamar muito abaixo, como livros, jornais, revistas e papelaria (-37,2%); tecidos, vestuário e calçados (-25,6%); móveis e eletrodomésticos (-18,4%); e veículos e motos, partes e peças (-12,4%).

Rodolfo Margato, da XP, destacou que nove das 10 categorias pesquisadas pelo IBGE apresentaram resultado negativo em julho. A exceção foi a de combustíveis e lubrificantes, impulsionada pela forte redução nos preços decorrente das medidas de corte de tributos aprovadas pelo Congresso em junho.

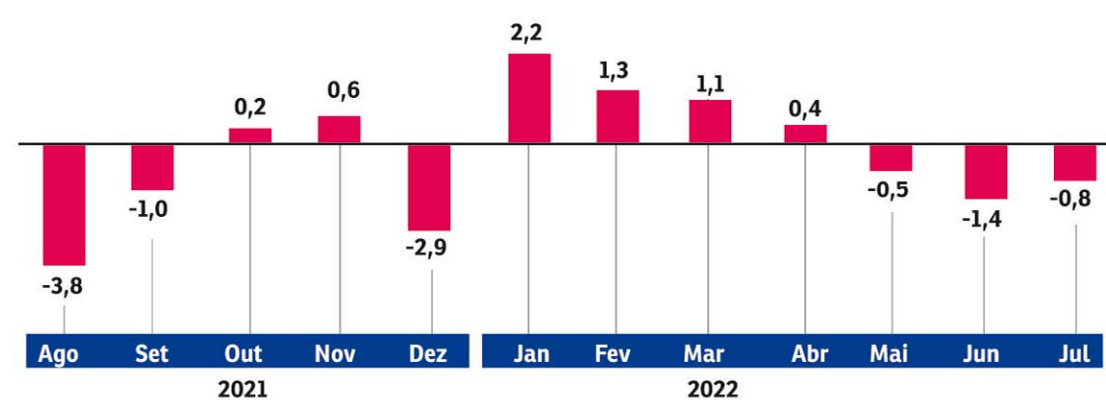
Estagnação

Segundo o economista, “a recuperação do mercado de trabalho e os estímulos fiscais de curto prazo vão suavizar o arrefecimento do comércio varejista, ao fornecer sustentação à demanda pelos bens mais sensíveis à renda”. Para Margato, a massa de renda real disponível às famílias deve crescer cerca de 6% em 2022. “Com isso, antecipamos certa estagnação para o varejo total nos próximos meses, com sinais heterogêneos entre as categorias”, disse. (FS)

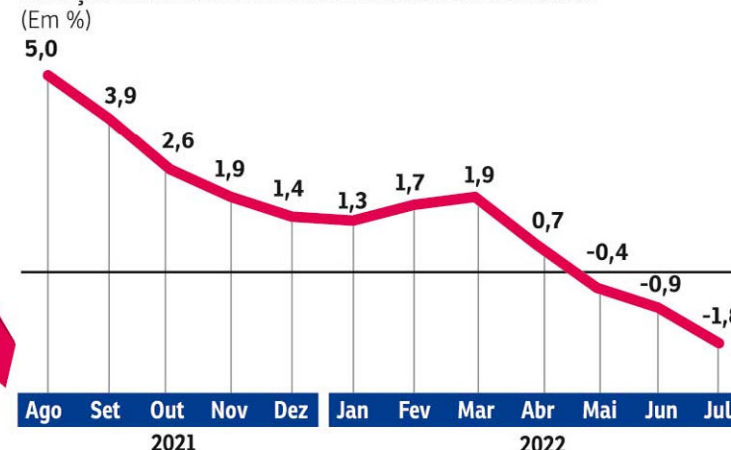
Para baixo

Vendas do comércio varejista têm desempenho abaixo do esperado e completam terceiro mês consecutivo de queda em julho

MÊS A MÊS
Variação frente ao mês imediatamente anterior
(Em %)



ACUMULADO EM 12 MESES
Variação frente aos 12 meses imediatamente anteriores
(Em %)



Fonte: IBGE

IFI vê PIB maior

» ROSANA HESSEL

Acompanhando a onda de revisões do mercado para o Produto Interno Bruto (PIB) de 2022, a Instituição Fiscal Independente (IFI), ligada ao senado Federal, atualizou a projeção de crescimento da economia brasileira neste ano, de 2% para 2,6%. Contudo, alertou para a piora do quadro fiscal no ano que vem e passou a projetar um déficit de R\$ 91,6 bilhões nas contas do governo federal, além de apontar para o risco de paralisação da máquina pública.

No Relatório de Acompanhamento Fiscal (RAF) de setembro, a entidade considerou um cenário alternativo, de manutenção do valor turbinado de R\$ 600 do Auxílio Brasil no próximo ano. Com isso, a projeção de crescimento do PIB de 2023 passou de 0,6% para 1%.

Nesse mesmo cenário, a IFI também prevê a continuidade das medidas de desoneração dos impostos sobre combustíveis. Com isso, a projeção para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) em 2023 passou de 4,9% para 4,7%.

Por outro lado, o quadro fiscal tende a piorar. A dívida pública bruta no ano que vem, por exemplo, deve aumentar de 80% do PIB, no cenário base, para 81,7% do PIB, no cenário alternativo.

Conforme o relatório, a manutenção do Auxílio Brasil em R\$ 600 teria impacto de R\$ 51,8 bilhões no Orçamento de 2023. Se o programa continuar sujeito à regra do teto de gastos, as despesas discricionárias poderiam chegar a R\$ 63,9 bilhões (0,6% do PIB), com elevado risco de paralisação no funcionamento de órgãos governamentais.

E-commerce ganha espaço

» RAFAELA GONÇALVES

O e-commerce brasileiro atingiu a marca de R\$ 118,6 bilhões em vendas no primeiro semestre de 2022. O valor corresponde a uma alta de 6% em comparação com o mesmo período em 2021. Os dados são do relatório Webshoppers 46, elaborado pela NielsenIQ/Ebit, em parceria com a Bexs Pay. De acordo com a pesquisa, atualmente há 49,8 milhões de compradores on-line no Brasil, uma alta de 18% na comparação ao mesmo período do ano anterior, quando o número era de 42 milhões.

Segundo o head de e-commerce da NielsenIQ/Ebit, Marcelo Osanai, o crescimento do consumo nesse semestre é tímido se comparado com o crescimento de 2020 para 2021, primeiros anos de pandemia, quando a alta foi de 47%. O destaque se manteve com a categoria de alimentos e bebidas e produtos de giro rápido.

“O volume de vendas ainda é muito expressivo e reforça que o e-commerce veio para ficar, sobretudo, na compra de produtos de giro rápido. Cada vez mais o consumidor opta por fazer compras on-line para abastecer sua moradia com alimentos, bebidas, produtos de higiene pessoal, ou seja, esses produtos de baixo custo e alto giro”, afirmou.

De acordo com o levantamento, a variação de pedidos de alimentos e bebidas entre o primeiro semestre de 2022 e o mesmo período de 2021 foi de 128%. Além disso, a avaliação da importância desses produtos dobrou, saindo de 6%, em 2021, para 12%, em 2022, considerando o primeiro semestre de cada ano.